

Redenção

O capítulo 3 de Gênesis não é uma narrativa que nos mostra tão somente a realidade da queda, mas também nos conta a decisão que o Eterno teve de tomar diante da rebelião do homem. Uma vez que o homem deus as costas ao seu Criador, o Eterno poderia ter facilmente subvertido tudo quanto havia criado diante do ato de ingratidão e rebeldia do homem, fazendo com que o mundo que veio do nada (*creatio ex nihillo*) voltasse para o nada (entropia). Afinal, tudo havia sido criado para que o Senhor pudesse gerar o homem, sua imagem e semelhança, para com ele ter um relacionamento todo especial. Uma vez que esse relacionamento estava perdido e manchado, o Criador poderia apagar simplesmente a lousa e começar de novo, quem sabe.

Contudo, não foi isso que o Criador fez. Ao invés de destruir, o Pai escolheu o difícil caminho de redimir, isto é, estabelecer um plano através do qual pudesse trazer o homem de volta para casa, de volta para o propósito para o qual foi criado: manter um relacionamento pessoal com o criador. Albert Wolters declara com uma breve mas solene sentença: “Redenção é recriação”.¹ O Eterno teria de realizar uma obra ainda mais vasta que a obra da criação: uma obra de salvação da sua criatura rebelde.

O Criador, numa passagem que possui uma força aterradora, vai até o jardim e chama pelo homem, procurando-o. A imagem de um Deus que vai procurar sua criatura e que por ela chama, mesmo tendo conhecimento de tudo, é de uma profundidade emocionante. Ao lidar com a rebelião de Adão e Eva, o Pai cuidadosamente mata animais para fazer vestimentas de pele que possam cobrir dignamente suas criaturas. O Senhor, que já havia trabalhado na criação agora trabalha na redenção de suas criaturas, a fim de tirá-las de seu estado de vergonha. Esse é o nosso Criador: alguém que teria todos os motivos para simplesmente nos descartar, mas decidiu no redimir, se envolver pessoalmente e profundamente em nossa trajetória de volta para casa. Tudo poderia ter acabado ali, e nunca ninguém saberia nem o julgaria por isso, mas o Criador decidiu redimir, decidiu se envolver na história humana manchada pelo pecado.

História de salvação

A partir da queda do homem, o Criador optou pelo caminho da redenção, o que significa que o Eterno iniciaria uma longa jornada para executar um plano audacioso e incrivelmente planejado: levar o homem de volta para casa! Parece fácil falando, mas a redenção parecia uma missão impossível! Como poderia o Criador, um Deus infinitamente justo, fechar os olhos para o pecado humano? Como poderia o homem, agora corrompido e cegado por uma natureza rebelde, agradecer a Deus com sua vida?

Se para Deus era impossível simplesmente fingir que nada havia acontecido por causa de sua justiça e da honra de sua glória, era igualmente impossível para o homem viver como se nada tivesse acontecido por causa de sua queda e degeneração.

Sendo um Deus amoroso, o Senhor não exterminou sua criatura e a amou mesmo em seu estado de rebelião. Contudo, sendo um Deus justo, o Criador não passou a mão na cabeça de nossos pais de maneira indolente, mas submeteu Adão e Eva às conseqüências de suas escolhas (Gn 3.14-24). Mas como esse Deus justo poderia reaver sua criatura pecadora de volta em seus braços?

Essa é a pergunta que será respondida no resto das Escrituras. Os capítulos 1 a 3 de Gênesis nos preparam para compreendermos tudo que vem em seguida, nos tornando aptos para compreender toda a sequência da história bíblica como o desenrolar do plano de salvação elaborado pelo Criador. Os teólogos chamam este plano de salvação de “História da Salvação”. O termo nasceu cunhado por Johann Albrecht Bengel (1687–1752), que utilizou o termo alemão “Heilsgeschichte” (história da salvação) “para descrever a natureza da Bíblia como uma narrativa do trabalho de salvação de Deus na história humana. Proponentes desta abordagem rejeitavam a ideia de que a Bíblia é uma coleção de “textos de prova” divino para construção de doutrinas para vê-las como a história do plano redentor de Deus”.²

¹ WOLTERS, Albert M. *A criação restaurada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p.22

² GRENZ, STANLEY ; GURETZKI, DAVID ; NORDLING, CHERITH FEE: *Pocket dictionary of theological terms*. InterVarsity Press: 1999, p.58

Neste aspecto as vidas dos personagens bíblicos, seus dramas pessoais e angústias são pequenas narrativas dentro da meta-narrativa da redenção. Uma meta-narrativa é uma narrativa maior dentro da qual todas as pequenas histórias de nossa vida se encaixam. Neste sentido, “cristãos acreditam que a narrativa bíblica da criação-queda-redenção-nova criação é a esta metanarrativa ampla”.³

De fato, a estrutura criação-queda-redenção é a estrutura dentro da qual as narrativas de nossas próprias vidas se encaixam, de maneira que nossa visão de mundo deve ser moldada por ela.

Criação, queda e redenção

O esquema Criação-Queda-Redenção-Restauração é a estrutura que molda a maneira como nós cristãos compreendemos o mundo a nossa volta. Segundo Oliveira, “todos os pressupostos moldadores da cosmovisão cristã⁴ estão contidos no tema central da Escritura *Criação-Queda-Redenção*, e é por meio deste paradigma, e de tudo o que ele implica, que o mundo e a vida precisam ser interpretados”.⁵

Herman Dooyewerd estruturou uma brilhante e ampla argumentação para colocar em evidência a estrutura “criação - queda - redenção”⁶ na sua mais famosa obra, “*A New Critique of Theoretical Thought*”. Dooyewerd afirma que “o caráter integral e radical do motivo básico central da religião cristã no sentido bíblico [é] o motivo da criação, a queda no pecado, e redenção por meio de Jesus Cristo em comunhão com o Espírito Santo”.⁷ A maneira como olhamos para vida passa a ser estruturado de uma maneira bíblica, pois esta estrutura fornece as respostas mais básicas para a existência humana.

De onde viemos? Quem somos nós? Qual é o nosso propósito nesse mundo? Qual o sentido da vida? Criação.

O que deu errado? Por que existe tanto sofrimento no mundo? Por que somos escravizados por comportamentos que repudiamos? O que há de errado comigo? Queda.

Como posso encontrar sentido para a vida? Qual a maneira de experimentar uma transformação de caráter? Como me conectar com algo que seja transcendente e eterno? Como posso experimentar uma existência plena? Redenção.

Afinal, para onde está caminhando tudo isso? Qual será o final da história da humanidade? O que há depois da morte? Existe algum sentido que vá além dos absurdos da vida? Restauração.

Tim Keller nos lembra que falar sobre Criação é falar sobre “o que Deus quer para nós”, falar de Queda é explicar “o que aconteceu conosco e o que deu errado com o mundo”, falar de Redenção é proclamar “o que Deus fez em Cristo para colocar as coisas no lugar” e por fim ao falar sobre Restauração é falar sobre “como a história caminhará para um resultado final”.⁸

O tema da volta

Já olhamos para os movimentos de criação e queda, refletindo inclusive sobre o que a queda fez com o homem ao quebrar seus relacionamentos perfeitos e distorcer a imagem do Criador. Agora, vamos avançar na compreensão da Redenção: o que Deus fez e como fez para nos levar de volta para casa.

O tema de exílio e retorno é muito abundante nas Escrituras. Quando nossos primeiros pais pecam contra o Eterno, são exilados do jardim do Éden (Gn 3.22-24), o que era um símbolo contundente de que o homem havia sido arrojado da presença do próprio Deus. Tim Keller nos lembra que “no começo do livro de Gênesis, descobrimos o motivo por que todos nós nos sentimos como exilados, como se não estivéssemos em casa. É-nos dito que fomos criados para viver no jardim de Deus. Aquele é o mundo para o qual fomos criados, um lugar em que não há morte ou ausência de amor, não há decadência nem qualquer doença. E tal mundo era tudo isso por que era a vida ante a face de Deus, ante sua presença”.⁹ O resultado é que “temos vagado como exilados espirituais desde então. Isto é, temos vivido em um mundo que não mais responde a nossos profundos anseios”.¹⁰

³ GRENZ, STANLEY ; GURETZKI, DAVID ; NORDLING, CHERITH FEE: *Pocket dictionary of theological terms*. InterVarsity Press: 1999, p.77

⁴ No original, Oliveira utiliza o termo “Weltanschauung”.

⁵ OLIVEIRA, Fabiano Almeida de. Reflexões críticas sobre *weltanschauung*: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente – in *Fides Reformata* XIII: 2008, p.49

⁶ DOOYEWERD, Herman. *A New Critique of Theoretical Thought* – Vol. I. Ontario, Canada: Paideia Press, 1984, p.102

⁷ DOOYEWERD, Herman. *A New Critique of Theoretical Thought* – Vol. I. Ontario, Canada: Paideia Press, 1984, p.173

⁸ KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.43

⁹ KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.126

¹⁰ KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.127

Em um dado sentido, todos temos esse sentimento de estar longe de casa, uma saudade de alguém que não sabemos quem é, uma melancolia que nos invade. A medida em que seguimos na vida podemos acumular sucessos ou fracassos, mas percebemos cada vez mais claramente que sentimos uma sensação de separação de algo que não sabemos bem o que é.

C. S. Lewis, comentando sobre essa sensação, afirma que é um desejo de encontrar algo do qual estamos separados, é um anseio para voltar, o anseio de abraçar alguém que vai trazer uma sensação de descanso, paz, amor.¹¹

Levados por esse anseio, nos lançamos em diversas tentativas de suprimir nossa busca interior. As tentativas mais comuns são dinheiro, relacionamentos, realização e prazer. Essas coisas não são necessariamente erradas mas também não satisfazem definitivamente a nossa alma como esperávamos. É “algo maravilhoso, mas não é a realidade última”.¹²

O desespero humano diante do vazio em seu próprio coração que não poder ser resolvido não é algo nada novo. Platão, em um de seus diálogos, comparou o ser humano a vasos que vazam. Embora possamos permanecer cheios por algum tempo, o vazio sempre volta.¹³

Outro pensador, chamado Diógenes disse o seguinte: “Os que já suportaram o vazio sabem que encontraram uma fome diferente, que nada na terra poderá satisfazer”.¹⁴

C. S. Lewis, continuando na mesma linha de Diógenes, refletindo sobre esse vazio que, diz: “Assim como um homem com fome, desejando pão, mostra que este homem vive em um mundo onde existe pão, nosso desejo por Deus mostra que vivemos em um mundo onde Deus existe. Muito seria de me admirar que um homem vivesse num mundo universo aonde não existe nenhuma mulher, se visse apaixonado por alguma. Assim, se podemos suspirar por Deus, é de se esperar que esse Deus existe e que o encontraremos”.¹⁵

Logo, Lewis começa a decodificar esse nosso anseio como sendo um anseio na verdade por Deus. De certa forma Lewis está ecoando perfeitamente a voz de Calvino, que afirma que devido à maneira como foi criado, o homem possui um instinto religioso, uma busca interior por uma realidade maior do que ele, aquilo que João Calvino chamava de *sensus divinitatis*, ou, *semen religiones*. Conforme Calvino, “Deus dotou os seres humanos de um senso ou pressentimento inato sobre sua existência. É como se algo sobre Deus tivesse sido gravado no coração de cada ser humano”.¹⁶

Mas por que sentimos a falta, a ausência de Deus? Por que estamos no meio de uma peça teatral inacabada em que o primeiro ato já se foi e estamos no meio do segundo ato. O primeiro ato foi a criação de Deus de todas as coisas. O primeiro ato foi protagonizado pelo Criador e o segundo ato foi protagonizado pela criatura. O homem abriu o segundo ato com rebeldia que mergulhando toda a raça no pecado.¹⁷

Costumamos definir pecado como coisas morais erradas que fazemos mas antes de tudo o pecado é uma quebra de relacionamento, é dar as costas ao Criador por meio de uma rebeldia intencional. O pecado é uma alienação que tem efeitos morais sobre nós e não o contrário.

Então a nossa situação é totalmente contraditória e perigosa, pois fomos criados pelo Criador e fomos criados para ele, mas há um véu, uma separação, uma situação intransponível de distância.

O que aquele véu fez foi representar o que todo ser humano sabe: que além do véu está tudo que desejamos para dar sentido à nossa vida, mas que atravessá-lo seria abraçar a morte pois a justiça de Deus não coabita com o pecado humano.

Desejamos ter um relacionamento com o Pai, mas ao mesmo tempo estamos impossibilitados disso.

Tim Keller nos lembra de que “podemos até trabalhar duro para recriar a casa que perdemos, mas, diz a Bíblia, ela só existe na presença do Pai Celestial, de quem fugimos”.¹⁸ O que vamos descobrir é que esse retorno, que era impossível ao homem, foi planejado e executado por Deus.

¹¹ PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.22

¹² PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.22

¹³ PLATÃO. Gorgias, XLVIII.

¹⁴ MCGRATH, Alister. *Paixão pela verdade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p.69

¹⁵ LEWIS. Clive Staples. *The weight of Glory*, p.99 – in MCGRATH, Alister. *Paixão pela verdade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p.72

¹⁶ CALVINO, João. *As Institutas* – Vol I. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 113.

¹⁷ PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.55

¹⁸ KELLER, Timothy. *O Deus Pródigo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.128